

PARTIDOS E
PARTIDOS

5.2654 Raul Pilla

O PRESIDENTE da União Democrática Nacional, que tão corajosamente denunciou o artificial das nossas organizações partidárias, não se forrou ao preconceito reinante contra os partidos pequenos. Incidiu êle, evidentemente, em contradição. Se os grandes são formações artificiais, que as circunstâncias, mais do que qualquer outra coisa, criaram, como condenar os partidos pequenos, que são ou podem ser o germe de partidos maiores, naturalmente formados? A proscrição dos partidos pequenos é a artificialização dos partidos grandes, é a sua definitiva aceitação como organizações ou sindicatos meramente eleitorais, que são.

Sei eu, porém, donde vem a prevenção. Há partidos grandes e há partidos pequenos, há partidos que o são e partidos que o não são. O que evidentemente importa ao regular funcionamento do regime é que haja partidos verdadeiros; secundário é serem êles maiores ou menores. Ora, entre os pequenos existem alguns que não são partidos verdadeiros e se limitam à exploração eleitoral ou comercial da legenda. Este é o fato que choca o observador desatento, que esquece haver partidos pequenos sob todos os aspectos merecedores de apreço e apresentarem os grandes partidos vícios graves, que em rigor os desqualificam como partidos.

A questão é, portanto, de partidos verdadeiros. Serem êles muitos ou poucos, grandes ou pequenos, torna-se secundário. O regime funcionaria mais comodamente, não mais verdadeiramente, com partidos grandes e poucos; mas funcionaria satisfatoriamente com partidos pequenos e numerosos, desde que fôsem verdadeiros partidos.

Esta é a questão fundamental, que parece passar despercebida não somente ao público em geral, mas também aos homens de responsabilidade. Se queremos ter partidos nacionais na extensão mais completa da palavra, devemos começar por ter partidos verdadeiros.